



Boletim PIB DAS CADEIAS PRODUTIVAS

Outubro de 2017

EDIÇÃO ESPECIAL

BAIXO DESEMPENHO DA INDÚSTRIA PREDOMINA ENTRE CADEIAS DO AGRONEGÓCIO

1. Cenário Geral do Período

O ano de 2017 tem sido marcado por uma melhora relativa da atividade econômica. Passados 2 anos de variação negativa (-3,8% em 2015 e -3,6% em 2016), os resultados do primeiro semestre de 2017 revelam que ao menos a retração parece ter chegado ao fim. Depois das retrações de -0,4% no 1º trimestre/2017 e 0% no 1º semestre/2017 frente a idênticos períodos de 2016, a expectativa de crescimento para 2017 é de 0,70%. Mais do que isso, tal projeção é a mais otimista já observada para o desempenho da economia brasileira nesse ano e representa o dobro da mais pessimista (0,34%) vigente em julho desse ano. Para 2018, as projeções apontam crescimento de 2,38%.

Apesar desses indicativos que parecem apontar para um ponto de inflexão importante na trajetória de crescimento da economia brasileira, as referidas perspectivas de desempenho para o Brasil no curto prazo são ainda pouco alentadoras especialmente se comparadas às estimativas, do Fundo Monetário Internacional (FMI), para o mundo (3,5%) e para as economias emergentes (4,5%).

Quanto à evolução dos preços, o mercado prevê IPCA de 2,95% em 2017, abaixo, portanto, não apenas do centro da meta de inflação (4,5%) mas também do seu piso (3%), o que não acontece, no Brasil, desde março de 2007. Já para o câmbio é prevista uma ligeira valorização para o patamar de R\$3,16 por Dólar, na cotação do final de dezembro de 2017.

Completam o atual contexto econômico, a elevada capacidade ociosa da indústria brasileira refletida na elevada taxa de desemprego (12,6% ou 13,1 milhões de brasileiros desempregados) e também no arrefecimento do consumo das famílias, com impacto importante nas cadeias produtivas mais dependentes da demanda local.

Em relação ao agronegócio, a taxa de crescimento estimada para o PIB no primeiro semestre foi negativa, em 0,88%, resultado principalmente das retrações observadas no segmento agroindustrial. Já o crescimento no segmento primário (dentro da porteira), reflete o desempenho do ramo agrícola, o que, por sua vez, decorre exclusivamente da maior produção prevista para o ano, uma vez que os preços reais seguem pressionados desde o início do ano.

Sob a ótica do mercado internacional, o faturamento em dólar das exportações do agronegócio brasileiro iniciou 2017 em alta. Segundo a equipe do Cepea que analisa as vendas externas do setor, em ano de supersafra nacional, foram os preços em dólar que contribuíram para o resultado positivo do setor, uma vez que o volume agregado caiu quase 6% no primeiro semestre deste ano, mesmo com os embarques recordes da soja em grão. O Real se valorizou frente às moedas dos parceiros comerciais mais importantes do País. Com isso, houve perda de atratividade e competitividade das exportações agrícolas brasileiras no primeiro semestre de 2017.

Esse é o contexto econômico que tem se colocado sobre as cadeias do agronegócio brasileiro. No presente estudo - elaborado pelo Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (CEPEA/Esalq-USP) com apoio da Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA) – tais cadeias são exaustivamente analisadas.

As cadeias do algodão e da bovinocultura de Leite foram as que apresentaram resultados de destaque no primeiro semestre de 2017. Enquanto a cadeia do algodão expandiu 12,77% alcançando renda de R\$16,1 bilhões, a de bovinocultura de leite cresceu 4,36% obtendo renda de R\$69,4 bilhões.

Em contrapartida, verificou-se retração de renda nas cadeias de soja e bovinocultura de corte, de -2,22% e -4,50%, respectivamente. Consequentemente, a renda da cadeia da soja recuou para R\$ 103,2 bilhões, e a da bovinocultura de corte, para R\$ 194,5 bilhões. Por fim, a cadeia da cana-de-açúcar manteve-se relativamente estável, com crescimento de apenas 0,40% e renda de R\$156 bilhões.

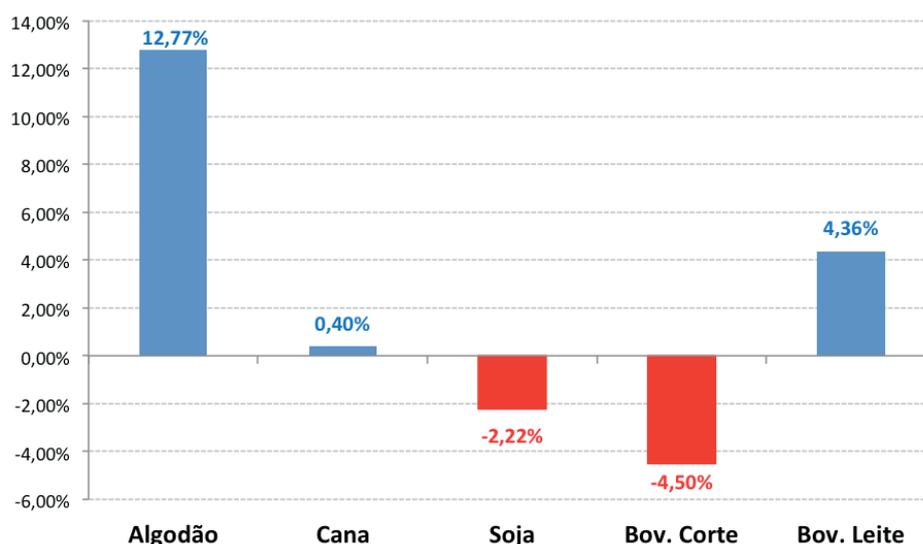
Esses resultados de evolução das cadeias no 1º Semestre/2017 frente ao 1º Semestre/2016 são apresentados na Figura 1 a seguir, e nas próximas seções deste relatório tais resultados serão detalhados conforme os segmentos que compõem cada cadeia: insumos, primário, indústria e serviços.

¹ Conforme Boletim Focus de 02/10/2017

² Conforme Boletim Focus de 02/10/2017

³ PNAD Contínua, divulgada dia 29/09/2017

Figura 1 - Variação da renda das Cadeias selecionadas (2017/2016)



Fonte: Cepea/USP e CNA

2.2. EVOLUÇÃO DOS SEGMENTOS NO PRIMEIRO SEMESTRE DE 2017

2.1. Insumos

O segmento de insumos apresentou crescimento nas cadeias pecuárias e da soja, mas recuou na de algodão e cana – Ver Figura 2. De modo geral, as baixas nos preços dos fertilizantes, que vêm apresentando consistente redução em relação ao mesmo período de 2016, pressionaram o segmento nas cadeias agrícolas (algodão e cana-de-açúcar). No caso do algodão, os menores volumes de defensivos e fertilizantes também pressionaram o segmento (Figura 6). E, para o segmento de insumos da cadeia da cana, verificaram-se reduções em volume para diesel e defensivos (Figura 7). Especificamente na cadeia da soja, as variações positivas na quantidade de insumos, em específico para fertilizantes,

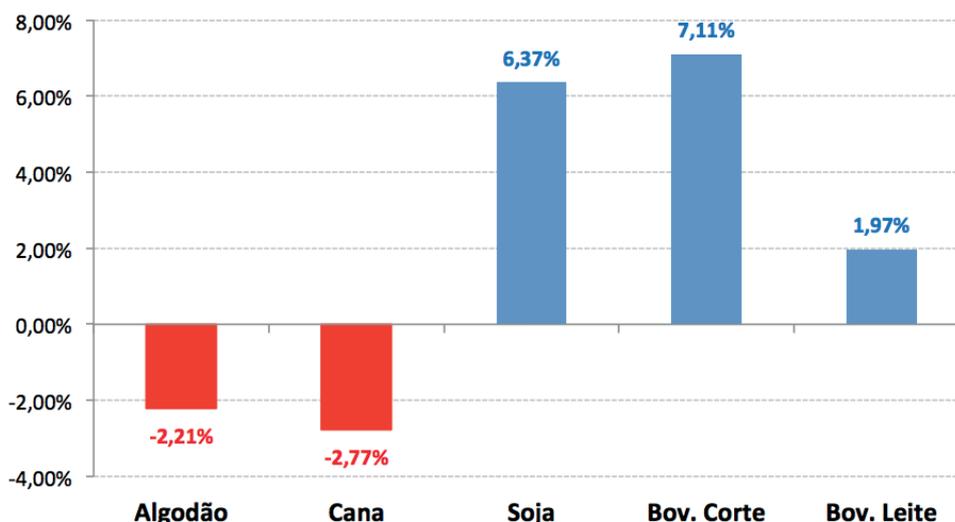
óleo diesel e sementes, se sobrepuseram às quedas de preços observadas para os fertilizantes e o óleo diesel, impulsionando o segmento (Figuras 6 a 8).

De acordo com pesquisadores da equipe Custos Agrícolas/Cepea, o menor patamar de preços para os fertilizantes reflete tanto as menores cotações do insumo no mercado internacional quanto a redução da taxa cambial, que estava em cerca de R\$3,70 por Dólar no primeiro semestre de 2016 e, no mesmo período deste ano, ficou em por volta de R\$3,20 por Dólar.

Nas cadeias da pecuária, o desempenho positivo do segmento de insumos voltados para animais vivos (para abate e produção leiteira) refletiu principalmente o maior patamar de preços do sal mineral e dos medicamentos frente ao primeiro semestre de 2016. As rações registraram média de preços ligeiramente superior, enquanto em volume a variação foi negativa (Figuras 9 e 10). Segundo o Sindi-

rações, a demanda enfraquecida pelo insumo refletiu em queda de 1,5% nas vendas totais do setor de rações quando comparadas as do mesmo período do ano passado. Para o próximo semestre, a expectativa do Sindicato é que a recuperação no ritmo dos embarques e a retomada do consumo doméstico se tornem mais expressivas, favorecendo a retomada da demanda por rações. Especificamente para a bovinocultura de corte, há também a expectativa de valorização da arroba, muito embora a recuperação dependa da retomada do consumo e dos desdobramentos do embargo americano, como destaca o Sindicato. Para a bovinocultura de leite, a expectativa do Sindi-rações é que o aumento nas importações de lácteos limite as valorizações do leite no segundo semestre e estimule o consumo no final da cadeia, favorecendo, assim, a retomada na produção das rações.

Figura 2 – Taxa de variação (%) do segmento de Insumos nas cadeias selecionadas – 2017 frente a 2016



Fonte: Cepea/USP e CNA

2.2. Atividades primárias:

Dentre as atividades primárias, o desempenho na cadeia do algodão foi o destaque, com crescimento de 22,68%. As rendas geradas na produção de cana e leite também registraram expansão: 8,40% e 9,28%, respectivamente (Figura 3). Já nas produções de soja e animais para abate houve retração na renda gerada no primeiro semestre de 2017, frente ao mesmo período do ano anterior: -6,41% e -10,38%, respectivamente.

Para o algodão, os maiores preços da pluma (na comparação com o primeiro semestre de 2016) e a maior produção estimada nas lavouras impulsionaram o faturamento – ver Figura 6.

Segundo a equipe Algodão/Cepea, no primeiro semestre de 2017, a sustentação dos preços da pluma esteve relacionada, em especial, ao menor volume colhido na safra 2015/16, ao comprometimento de vendedores brasileiros com a entrega de algodão já contratado e ao baixo estoque de passagem da safra 2015/16. Ao final do semestre, a posição firme de vendedores resultou em vendas retraídas e sustentação dos preços. Quanto ao volume, de acordo com a Conab, o bom desempenho da produção é influenciado pelo clima favorável nos principais estados produtores, com alta produtividade e boa qualidade.

Para a atividade canavieira, o impulso ao faturamento decorreu dos maiores preços registrados no semestre, diante da estimativa de menor produção no ano – Ver Figura

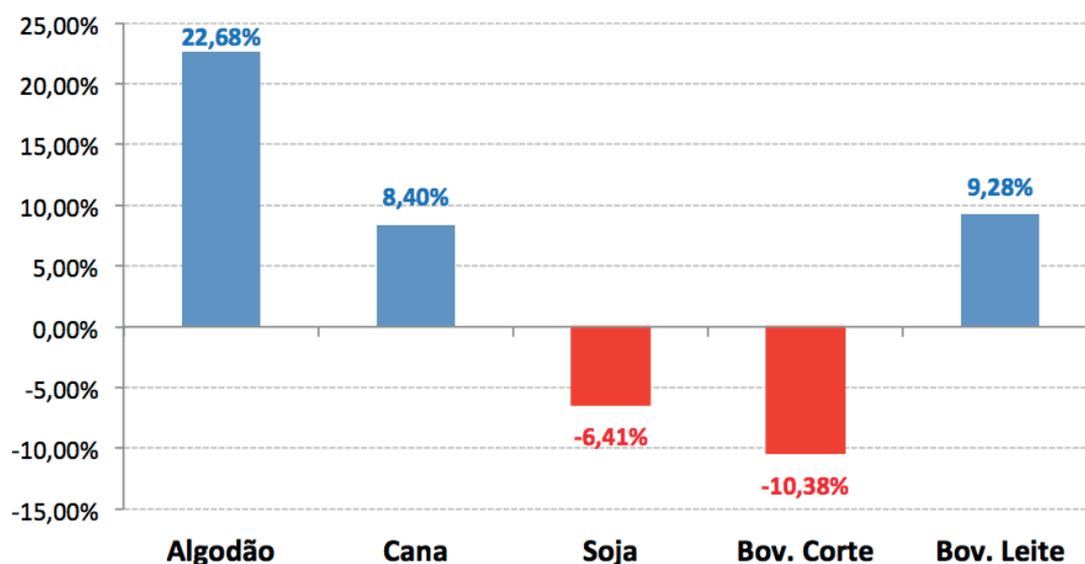
7. Já a ampliação de preços refletiu as ainda elevadas cotações do açúcar. Quanto à queda da produção, de acordo com o levantamento de safra da Conab, está associada à menor área plantada na região Centro-Sul. O destaque, nesse sentido, foi São Paulo devido à baixa na renovação dos canaviais, acrescida de problemas climáticos no ano passado, como seca e geadas, além da devolução de terras arrendadas por parte de algumas unidades de produção. A Conab destacou ainda em seus relatórios que a situação no estado paulista foi agravada pelo grande número de empresas em recuperação judicial, afetadas pelas oscilações nas cotações do açúcar, pela baixa competitividade dos preços internos do etanol, além do clima adverso observado nas safras passadas.

Na atividade leiteira, preços e volume registraram alta na comparação entre os semestres (Figura 10), levando ao crescimento da renda com a produção de leite cru. Em relação a preços, o cenário foi de aceleração desde o início do ano. Em fevereiro e março, o clima adverso, com excesso de chuvas em algumas bacias produtoras, e os menores investimentos na atividade (como reforma e manutenção das pastagens, compra de animais e medicamentos) refletiram em redução da disponibilidade do produto e, com isso, em alta nos preços do leite cru. Em abril, devido ao avanço da entressafra e à consequente queda na produção no campo, se verificou menor captação de leite, o que elevou o preço recebido por produtores pelo terceiro mês consecutivo. Em maio e junho, o avanço do período de entressafra aumentou a competitividade

de entre indústrias pelo leite, elevando ainda mais as cotações ao produtor. Por outro lado, a valorização do produto no campo foi limitada pela fraca demanda na ponta final da cadeia. De acordo com a equipe de Leite do Cepea, a reduzida demanda por lácteos, atrelada ao menor poder de compra dos brasileiros, têm pressionado as cotações ao longo de toda a cadeia.

Sobre a renda com a cultura da soja, possuiu o recuo nos preços do grão, quando comparado ao primeiro semestre de 2016, uma vez que, em volume, o cenário foi de alta (Figura 8). De acordo com a Conab, a maior produção na safra atual decorre não apenas do aumento na área plantada em algumas regiões (como o Centro-Oeste), mas também das condições climáticas favoráveis à cultura nos diversos estágios de desenvolvimento das lavouras e dos investimentos por parte dos produtores na cultura. Estes fatores combinados convergiram para o aumento na produtividade em relação à observada na última safra. Com isso, houve crescimento relevante da produção em todas as regiões. Com relação a preços, a equipe Soja/Cepea destaca que fatores como a elevada quantidade de estoques da oleaginosa, alta produção brasileira, finalização da safra na Argentina e a melhora das condições climáticas na América do Norte pressionaram as cotações, mesmo diante de uma demanda externa firme (principalmente chinesa). Esse cenário refletiu em aumento de 14% no volume de soja em grão exportado no semestre.

Figura 3 – Taxa de variação (%) do segmento Primário nas Cadeias selecionadas – 2017 frente a 2016



Fonte: Cepea/USP e CNA

Na bovinocultura de corte, a principal pressão sobre o faturamento decorreu da baixa de preços, embora o volume de animais prontos para o abate também tenha registrado queda na comparação entre os semestres (Figura 9). As cotações da arroba registraram queda durante todo o primeiro semestre de 2017. De forma geral, este cenário refletiu a maior oferta em paralelo à menor demanda dos frigoríficos por novos lotes – posição reforçada pela operação Carne Fraca. Segundo a equipe Boi/Cepea, a retomada da produção, após a seca observada em 2013/2014, e a diminuição no abate de matrizes elevaram a disponibilidade de animais. Pela ótica da demanda, tanto o consumo interno quanto as exportações mantiveram-se em baixa. Segundo a equipe, no final do semestre, o mercado ainda seguiu enfraquecido com os resultados da operação Carne Fraca e a maior oferta do produto no mercado, devido a maiores investimentos realizados por pecuaristas em períodos anteriores (ganhos de produtividade no setor).

2.3 Atividades da Indústria:

Como observado no segmento primário, o segmento industrial da cadeia do algodão registrou a alta mais expressiva dentre as cadeias analisadas no primeiro semestre deste ano: 15,44%. O abate e o processamento de bovinos (segmento industrial da cadeia da bovinocultura de corte) também registraram variação positiva, mas de

apenas 0,85%. Nas demais cadeias, o segmento industrial registrou baixa: -3,93% para a da cana, -8,02% para a da soja e de -1,17% para a de leite (Figura 4).

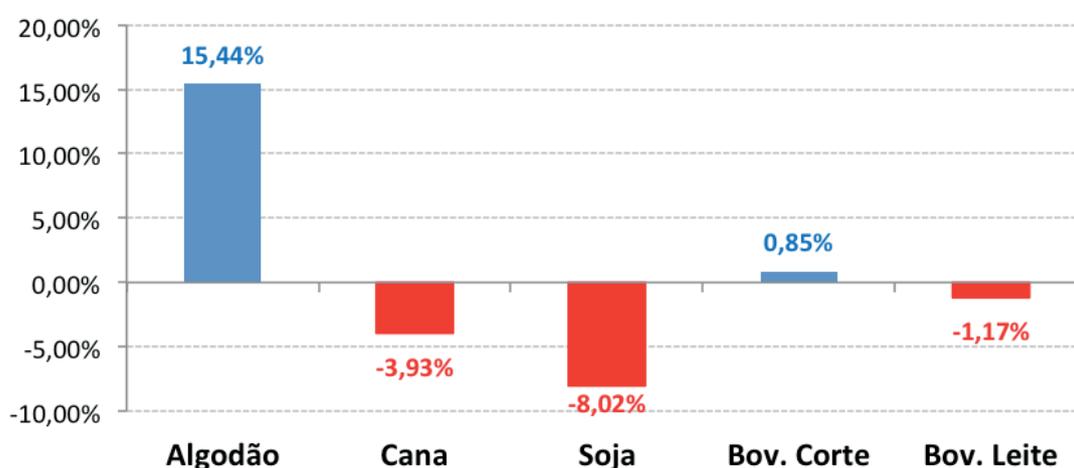
No caso da indústria de processamento do algodão, a variação positiva decorreu de maiores preços e volumes (Figura 6). Conforme destacou a Associação Brasileira da Indústria Têxtil e de Confecção (Abit), as indústrias do setor têxtil mostraram sinais de resistência à crise da economia brasileira e contam com expectativas de aumento de produção para 2017, após sucessivos anos de queda em volume. Frente a isso, a atividade segue realizando investimentos na área produtiva, o que se reflete na demanda por fibras de algodão.

Na indústria do abate de bovinos, os menores preços e volumes pressionaram os resultados da renda, conforme se verifica na Figura 9. Em contrapartida, os preços em baixa do animal vivo levaram a menores custos, ou a uma redução do consumo intermediário; com isso, a renda da atividade registrou variação positiva ainda que modesta, de 0,85% (Ver Figura 4). Segundo pesquisadores da equipe Boi/Cepea, ao longo do primeiro semestre deste ano, os frigoríficos mantiveram demandas modestas, fato relacionado ao fraco desempenho das vendas no mercado atacadista de carne. De acordo com a equipe, cerca de 80% da carne produzida no País é destinada ao mercado interno, então, a fraca

demanda doméstica pela carne bovina seguiu como grande desafio à cadeia no primeiro semestre do ano.

Na indústria sucroalcooleira, a renda foi pressionada pela baixa nas cotações e nos volumes para os etanóis, uma vez que, para o açúcar, o cenário foi de alta em preços e produção (Figura 7). No caso da produção dos etanóis, de acordo com a Conab, o decréscimo atrela-se ao aumento observado no consumo da gasolina em 2016 e aos preços favoráveis do açúcar (que incentivaram a produção desse produto frente ao etanol). Para as cotações, o cenário foi de consecutivas quedas mensais, tanto para o anidro quanto para o hidratado. Segundo a equipe Etanol/Cepea, a demanda enfraquecida pressionou as cotações ao longo do semestre, o que foi agravado no final do período pela maior oferta, frente à necessidade das usinas de “fazer caixa”. Para a indústria açucareira, a expectativa de ligeira alta na produção em relação ao ano passado se deve à atratividade do produto em relação aos etanóis. Em preços, a tendência de baixa que marcou o semestre refletiu a maior oferta frente à recuperação da produção em importantes países produtores, como China, Índia e Tailândia, o que seguiu pressionando as cotações mundiais no período.

Figura 4 – Taxa de variação (%) do segmento Industrial nas Cadeias selecionadas – 2017 frente a 2016



Fonte: Cepea/USP e CNA

A queda na renda com os derivados da soja (óleo e farelo) relacionou-se aos menores patamares de preços registrados no primeiro semestre de 2017, uma vez que, em volume, as variações foram positivas (Figura 8). Assim como verificado para a soja em grão, segundo pesquisadores da equipe Grãos/Cepea, os preços

dos derivados têm sido pressionados pelo aumento no volume de produção no Brasil e nos Estados Unidos. Em relação ao farelo, a equipe de Custos/Cepea destaca a cautela na compra do derivado no final do semestre, quando compradores estiveram cautelosos nas aquisições, devido às expectativas de estoques de

passagem elevados no País, fundamentados na safra recorde de soja. Além disso, houve maior demanda por óleo de soja em junho, aumentando a produção de farelo, visto que, para cada tonelada do grão processado, 78% produz farelo e apenas 19%, óleo de soja. Sob a ótica do mercado in-

ternacional, as vendas externas do óleo cresceram 8% no semestre, mas, para o farelo, recuaram 10%. Segundo a equipe de Grãos, o desempenho das exportações brasileiras de farelo foi prejudicado pelo aumento na oferta da Argentina, maior exportador mundial de produto.

A renda com a produção de derivados do leite também registrou queda no primeiro semestre: -1,17% (Ver Figura 4). Este resultado esteve ligado ao desempenho pouco expressivo e até negativo dos principais produtos lácteos (Figura 10). De modo geral, foram verificados preços mais elevados apenas para o leite pasteurizado e em pó e para a manteiga. Por outro lado, valores mais baixos foram registrados para queijos e leite UHT. Pesquisadores da equipe Leite/Cepea destacam que indústria de laticínios

foi marcada por movimento de baixa de preços neste primeiro semestre do ano. Essa redução se explica pela dificuldade da indústria e do atacado em manter o ritmo de vendas de lácteos, devido ao menor poder de compra do consumidor. Esse cenário foi agravado nos momentos em que se tentou repassar para os produtos finais o aumento dos preços da matéria-prima no campo, o que gerou aumento de estoques para alguns derivados (como queijo muçarela), resultando em quedas ainda mais acentuadas de preços.

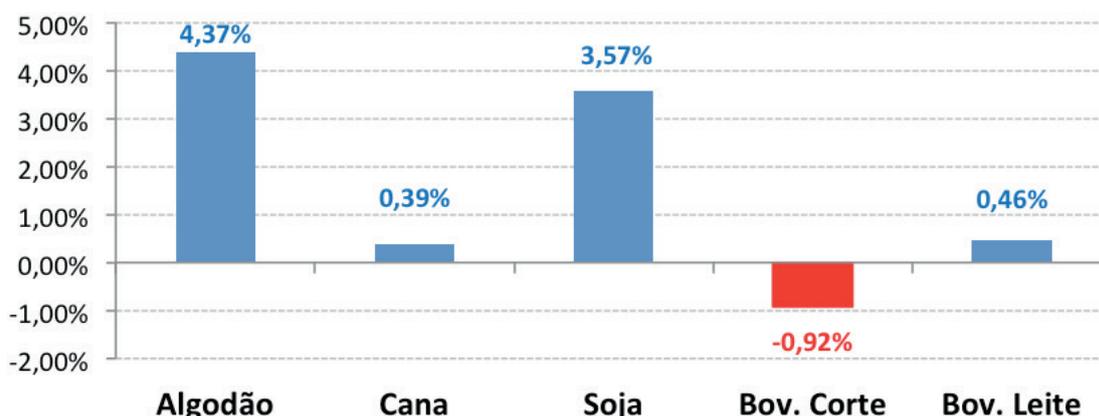
2.4 Serviços:

O segmento de serviços, que reflete o desempenho do comércio, transporte e demais serviços de distribuição relacionados às cadeias acompanhadas,

registrou queda apenas na cadeia de bovinocultura de corte (0,92%). Desse modo, verificou-se crescimento do segmento nas demais cadeias: algodão (4,37%), cana (0,39%), soja (3,57%) e leite (+0,46%) – Ver Figura 5.

As cadeias do algodão e da soja foram marcadas por maiores volumes de produção, seja no segmento primário ou industrial, o que impulsionou o segmento de serviços. Por outro lado, o cenário de retração de produção nas cadeias da cana e da bovinocultura de corte pressionou os resultados do segmento de serviços. Na cadeia leiteira, a variação pouco expressiva nos volumes produzidos de leite cru e dos lácteos refletiu o resultado pouco significativo do segmento de serviços voltados para esta cadeia.

Figura 5: Taxa de variação (%) do segmento de Serviços nas Cadeias selecionadas – 2017 frente a 2016



Fonte: Cepea/USP e CNA

3. Considerações Finais

Diante da tendência normal de crescimento da produtividade agrícola, e de condições climáticas favoráveis no ano, verificou-se aumento relevante de produção para a soja e o algodão. Entre as atividades agrícolas, a cana foi exceção no que tange ao cenário de supersafra, com a produção no ano recuando diante da menor área plantada no Centro-Sul. Quanto a preços, verificaram-se baixas relevantes para soja, boi e caroço de algodão. Por outro lado, houve certo aumento para o algodão em pluma, a cana e o leite. Especificamente no caso do leite, aumentos mais relevantes de preços foram impedidos pela demanda

enfraquecida na ponta da cadeia, diante do reduzido poder de compra do consumidor.

Na agroindústria, cenários desfavoráveis marcaram as cadeias da soja, cana e leite. No processamento de soja, os resultados foram pressionados pelos menores patamares de preços, diante do aumento da produção brasileira e americana. Na indústria sucroalcooleira, os bons resultados com o açúcar não foram suficientes para compensar as baixas com os etanóis – marcados por menores produção e preços. A demanda enfraquecida pelo combustível explica o movimento baixista de preços no semestre. A demanda interna enfraquecida também

atuou negativamente na indústria de laticínios, que teve sua renda pressionada pelos menores preços de alguns derivados.

O desempenho dos segmentos primário e industrial, por sua vez, se reflete nos resultados do segmento de serviços das cadeias. No caso da soja e do algodão, os maiores volumes de produção, seja no elo primário ou industrial, impulsionaram os serviços. Já na bovinocultura de corte, verificou-se a única retração desse segmento, diante dos menores volumes de produção no campo e na indústria. 🌱

Figura 6: Desempenho dos Preços, Volumes e Faturamentos da Cadeia do Algodão – 1º Semestre/2017 frente ao 1º Semestre/2016

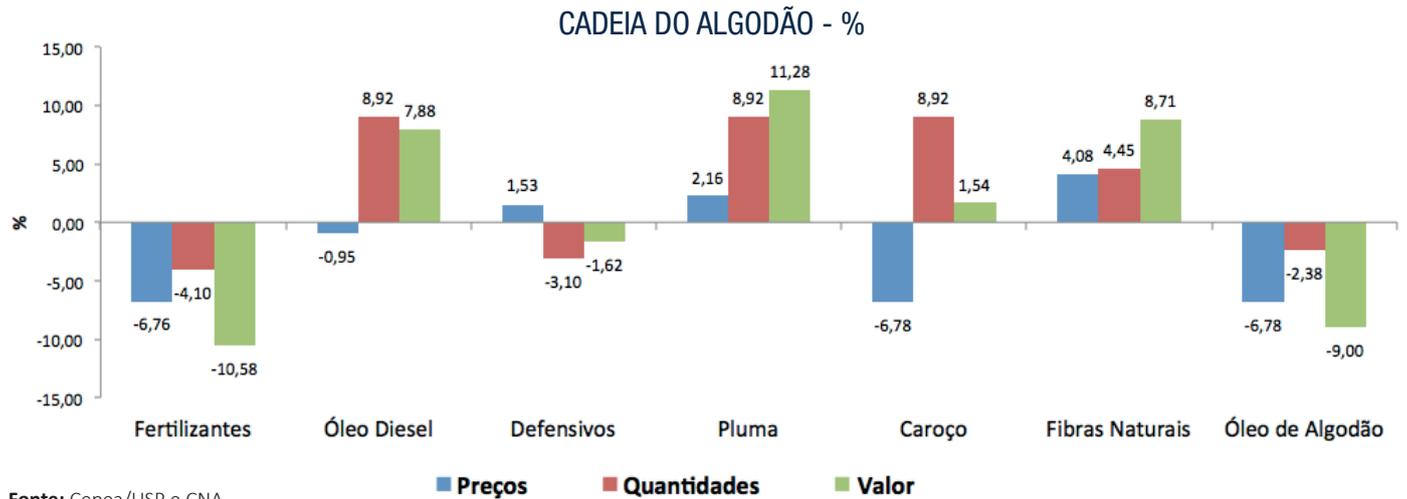


Figura 7: Desempenho dos Preços, Volumes e Faturamentos da Cadeia da Cana-de-Açúcar – 1º Semestre/2017 frente ao 1º Semestre/2016

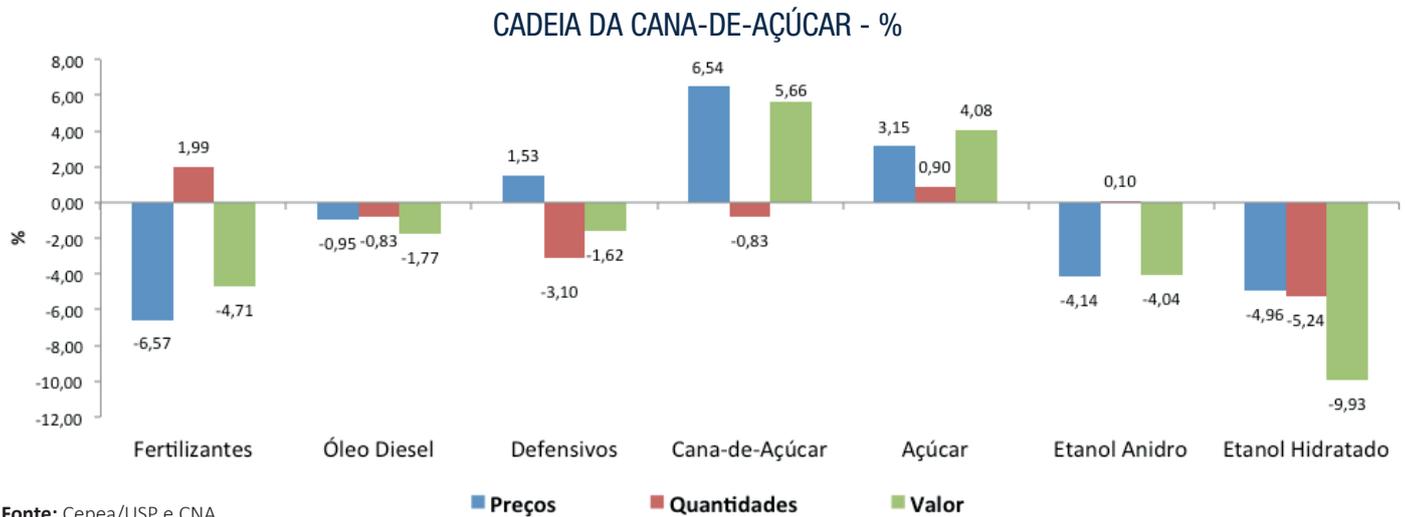


Figura 8: Desempenho dos Preços, Volumes e Faturamentos da Cadeia da Soja – 1º Semestre/2017 frente ao 1º Semestre/2016

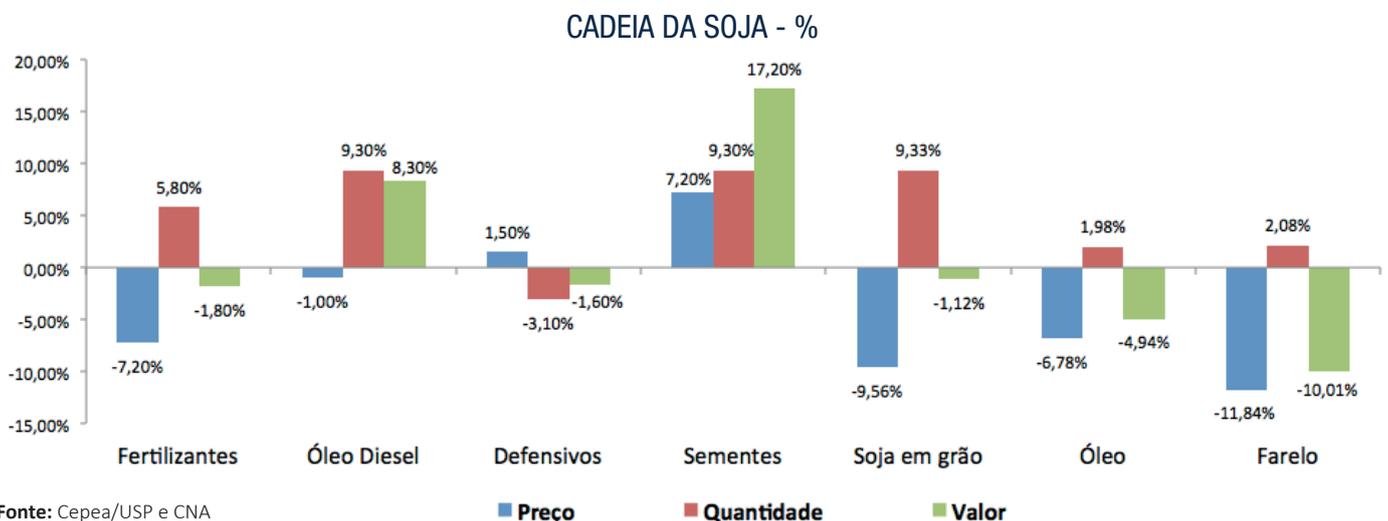


Figura 9: Desempenho dos Preços, Volumes e Faturamentos da Cadeia da Bovinocultura de Corte – 1º Sem/2017 frente ao 1º Sem/2016

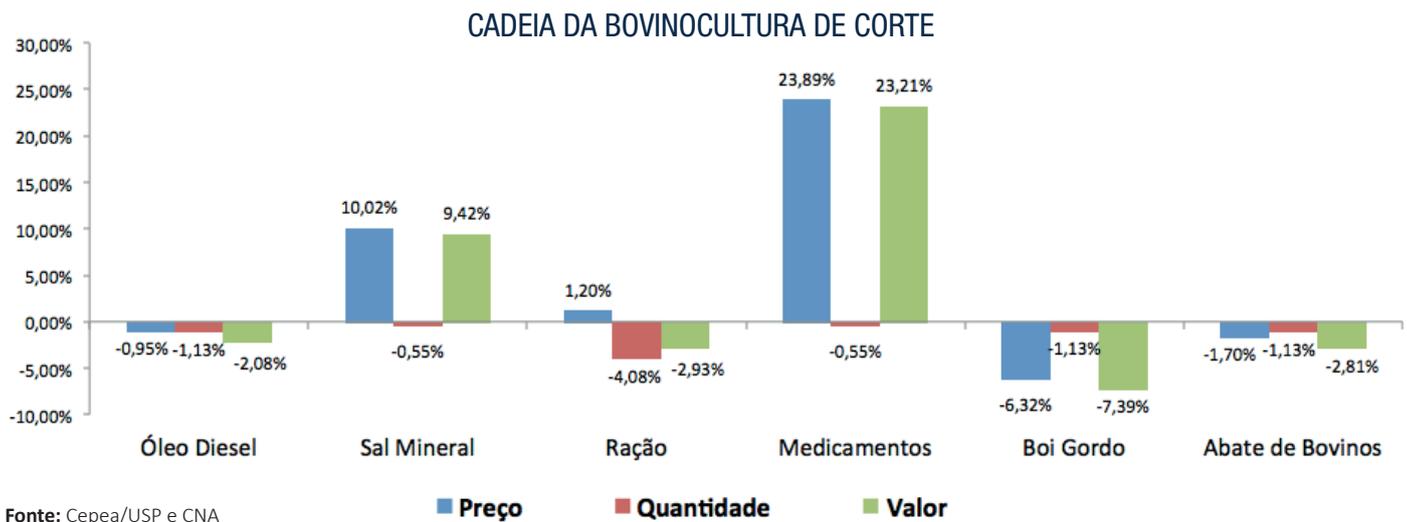


Figura 10: Desempenho dos Preços, Volumes e Faturamentos da Cadeia da Bovinocultura de Leite – 1º Sem/2017 frente ao 1º Sem/2016

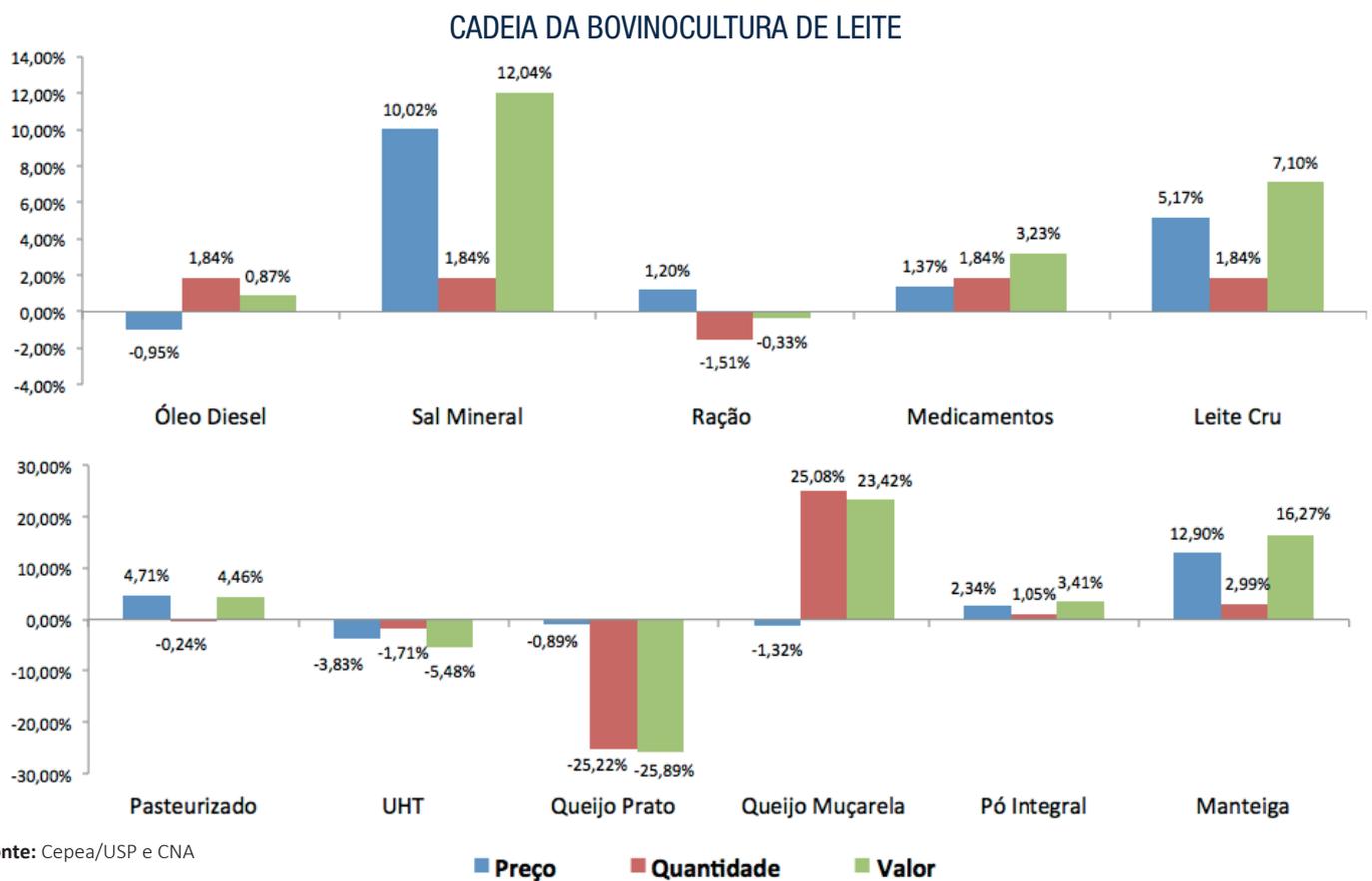


Tabela 1 - PIB do agronegócio das Cadeias Seleccionadas – de 2001 a 2017 (R\$ milhões de 2017)

ANO	CADEIA DO ALGODÃO					CADEIA DA CANA-DE-AÇÚCAR					CADEIA DA SOJA				
	Insumos	Básico	Indústria	Serviços	Total	Insumos	Básico	Indústria	Serviços	Total	Insumos	Básico	Indústria	Serviços	Total
2001	424	3.218	28.387	7.023	39.052	1.148	17.631	43.371	11.831	73.980	2.975	23.414	6.954	15.777	49.120
2002	385	3.247	30.240	7.337	41.209	1.236	14.323	42.771	14.150	72.480	3.580	34.904	14.001	18.598	71.083
2003	556	4.177	33.679	8.113	46.526	1.328	14.836	48.255	16.676	81.096	5.249	40.300	14.120	21.460	81.129
2004	782	5.921	37.159	8.398	52.260	1.452	11.735	34.230	17.276	64.693	6.265	29.972	11.855	21.295	69.388
2005	611	3.157	33.644	8.676	46.089	1.438	13.335	42.650	17.794	75.217	4.904	19.182	1.174	22.776	48.037
2006	579	2.598	28.430	8.325	39.933	1.521	24.407	66.592	20.858	113.378	4.144	20.278	-59	23.026	47.388
2007	652	4.199	22.960	8.530	36.341	1.752	21.009	35.531	22.620	80.912	4.261	27.945	4.720	24.525	61.452
2008	633	4.364	15.316	8.099	28.413	2.002	17.423	39.359	25.936	84.720	5.953	32.715	11.722	24.768	75.158
2009	562	2.304	12.081	7.379	22.326	1.845	25.137	61.892	27.154	116.028	6.193	29.835	8.876	23.754	68.658
2010	633	3.893	14.800	7.598	26.924	1.819	32.915	79.906	30.459	145.099	5.324	31.161	4.165	27.012	67.661
2011	867	9.762	11.438	7.147	29.214	2.131	40.860	78.844	27.043	148.879	5.953	37.306	3.492	28.049	74.800
2012	743	5.002	5.438	7.080	18.263	2.420	40.109	64.479	29.000	136.008	6.991	45.914	11.547	26.292	90.745
2013	847	2.401	8.891	6.824	18.963	2.600	36.871	52.854	31.778	124.103	8.740	51.251	5.906	28.045	93.942
2014	845	3.677	6.735	6.746	18.003	2.301	35.822	52.658	30.096	120.877	9.454	47.629	6.439	29.690	93.212
2015	789	3.396	4.879	6.211	15.275	2.445	36.291	57.691	31.279	127.707	10.230	53.094	6.555	32.901	102.780
2016	618	3.753	4.990	4.915	14.275	2.314	43.158	77.916	32.018	155.407	10.763	54.042	8.876	31.940	105.622
2017	604	4.604	5.761	5.129	16.098	2.250	46.782	74.852	32.143	156.026	11.448	50.580	8.164	33.080	103.272

ANO	CADEIA DA BOVINOCULTURA DE CORTE					CADEIA DA BOVINOCULTURA DE LEITE				
	Insumos	Básico	Indústria	Serviços	Total	Insumos	Básico	Indústria	Serviços	Total
2001	4.568	54.030	21.960	28.005	108.563	1.947	10.347	9.680	14.396	36.370
2002	4.756	64.004	19.720	30.225	118.704	2.086	10.002	7.635	15.096	34.819
2003	4.724	66.574	18.349	31.438	121.084	2.106	11.640	7.100	16.293	37.138
2004	4.911	69.559	20.542	36.144	131.157	2.244	11.953	8.008	16.846	39.050
2005	4.647	48.434	21.682	36.017	110.780	2.320	13.944	9.855	20.781	46.900
2006	4.451	42.664	20.607	37.547	105.269	2.322	12.293	9.099	22.064	45.778
2007	4.007	40.592	23.949	38.651	107.199	2.484	19.194	17.586	23.853	63.118
2008	4.794	70.852	34.111	42.197	151.951	2.830	18.970	14.131	26.794	62.724
2009	4.700	65.822	34.090	41.483	146.095	2.622	18.276	1.656	23.268	45.822
2010	4.767	78.245	39.765	44.995	167.772	2.629	19.087	7.944	26.386	56.046
2011	4.720	78.631	41.104	44.532	168.986	2.798	20.036	9.030	28.692	60.556
2012	4.426	61.630	41.929	44.772	152.758	2.787	20.591	4.471	28.421	56.270
2013	4.786	76.431	45.612	50.496	177.325	2.902	25.432	11.352	30.960	70.648
2014	4.871	91.379	55.909	53.357	205.516	3.171	29.089	3.256	31.165	66.683
2015	4.814	99.782	61.609	52.514	218.720	3.132	24.064	1.215	30.428	58.839
2016	4.970	91.885	56.467	50.387	203.708	3.105	29.703	4.446	29.256	66.510
2017	5.323	82.351	56.948	49.924	194.545	3.166	32.459	4.394	29.391	69.410

Fonte: Cepea/USP e CNA

Boletim PIB é elaborado pela Coordenação do Núcleo Econômico da Superintendência Técnica da CNA em parceria com o Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (Cepea/Esalq-USP).



Compromisso com o Brasil

CONFEDERAÇÃO DA AGRICULTURA E PECUÁRIA DO BRASIL

SGAN - Quadra 601 - Módulo K - Brasília/DF
(61) 2109-1419 | cna.comunicacao@cna.org.br

Responsáveis técnicos:

Bruno Barcelos Lucchi/ Renato Conchon/ Paulo André Camuri



Reprodução permitida desde que citada a fonte